



**Sombra e persona: as facetas humanas expostas no conto “O demônio da perversidade”,
de Edgar Allan Poe**

Karina Torres Machado (UFMS/CPLTL)
(ka_torresm@yahoo.com.br)

Resumo: No conto-ensaio “O demônio da perversidade”, escrito por Edgar Allan Poe, em 1845, o autor questiona a teoria da frenologia, trazendo à baila o princípio da perversidade, como forma de expor as obscuridades que constituem o inconsciente humano, a fim de despertar no homem uma nova consciência de si mesmo. Da leitura do conto emanam associações centradas na oposição entre sombra e duplo, conceitos que, no século XX, seriam o escopo de pesquisa de Carl Gustav Jung e inaugurariam a definição de arquétipo, de sombra, de persona e de inconsciente coletivo. Nesse sentido, este artigo visa, por meio de uma revisão bibliográfica, verificar como os conceitos de sombra e persona, desenvolvidos por Carl Jung, estão presentes no conto-ensaio “O demônio da perversidade”. Edgar Allan Poe ao teorizar sobre o princípio da perversidade e, baseado nos conceitos de epílogo, beleza, tom e efeito único, esboça um dos aspectos sombrios que habita a psique humana, responsável por conduzir o indivíduo a agir, mesmo tendo ciência de que não deveria. É da compreensão das experiências armazenadas no inconsciente que o homem, segundo Poe individualiza-se, isto é, torna-se consciente. No conto, os mistérios que engendram a existência e as relações humanas são, logicamente, expostos por meio de situações deflagradoras da psique humana e das condutas sociais, reveladoras de padrões comportamentais e mentais do sujeito. Assim, a oposição luz x sombra manipula o efeito único, emerge como arquétipo do pensamento impulsivo, incita o homem a agir e oportuniza a experiência de conhecer a si mesmo.

Palavras-chave: Conto; Edgar Allan Poe; Carl Gustav Jung.

Abstract: In the short story “The demon of perversity”, written by Edgar Allan Poe, in 1845, the author questions the theory of phrenology, bringing up the principle of perversity, as a way to expose the obscurities that constitute the human unconscious, in order to awaken in man a new self-awareness. From the reading of the short story, associations centered on the opposition between shadow and double emanate, concepts that, in the 20th century, would be the research scope of Carl Gustav Jung and would inaugurate the definition of archetype, shadow, persona and collective unconscious. In this sense, this article aims, through a bibliographical review, to verify how the concepts of shadow and persona, developed by Carl Jung, are present in the short story “The demon of perversity”. Edgar Allan Poe, when theorizing on the principle of perversity and, based on the concepts of epilogue, beauty, tone and unique effect, outlines one of the dark aspects that inhabit the human psyche, responsible for leading the individual to act, even though he is aware that he does not it should. It is from the understanding of the experiences stored in the unconscious that man, according to Poe, becomes individual, that is, he becomes conscious. In the short story, the mysteries that engender human existence and relationships are, logically, exposed through situations that



trigger the human psyche and social behavior, revealing the subject's behavioral and mental patterns. Thus, the opposition light x shadow manipulates the unique effect, emerges as an archetype of impulsive thinking, incites man to act and provides opportunities for the experience of knowing oneself.

Keywords: Tale; Edgar Allan Poe; Carl Gustav Jung.

Introdução

*“Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro”
 (“O espelho”, Machado de Assis)*

O filósofo e crítico literário Terry Eagleton, em seu livro **Como ler literatura**, 2019, afirma que o texto literário permite ao leitor ampliar a experiência da realidade que o cerca ao confrontá-lo com deficiências, com a pluralidade, com as incongruências vividas e sentidas pelas personagens. O texto literário, nesse sentido, eleva-se a um produto social, à medida que se manifesta pela expressão da palavra, da imagem, do estilo, dos valores, da necessidade de agrupar indivíduos e comunicar sobre o tempo, sobre a vida (Candido, 2011). Da obra literária, tecida por meio do engenho do artista, espera-se a transposição do dito e a explicitação do não-dito; espera-se o contato com novos matizes da realidade, que não se restrinjam à servilidade da tradição, espera-se o despertar de novas aprendizagens advindas da ação do olhar ativo sobre o texto e do texto sobre a existência, espera-se um encontro de experiências, que descortinem o sujeito e o conduzam a exploração de si mesmo e das representações sociais que o constitui.

O escritor Edgar Allan Poe, mestre da arte de narrar e profundo conhecedor do como contar para despertar efeitos e sensações singulares nos leitores, inicia, com a análise do poema “O corvo”, a teorização moderna do conto literário, contida no ensaio **A filosofia da composição**, de 1845. Em seus contos, os mistérios que engendram a existência e as relações humanas são, logicamente, expostos por meio de situações deflagradoras da alma humana e das condutas sociais, reveladoras de padrões comportamentais e mentais do sujeito. Conto a conto o leitor é convidado a mergulhar em sua interioridade, revisitar seus pensamentos e suas ações, espantar-se consigo mesmo, para enfim, buscar uma melhor versão de si mesmo. Tais imersões derivam do fazer artístico especulativo e insatisfeito do autor, que transforma



em imagem, em ritmo eloquente, em silêncio perturbador, em comunicação sinestésica, a palavra, que se corporifica no leitor, pelo contato entre autor-texto-leitor.

No conto-ensaio “O demônio da perversidade”¹, publicado em 1845, o enredo centra-se em torno do narrador-personagem que explana sua crítica acerca da frenologia e apresenta a sua teoria sobre o demônio da perversidade – impulso que leva os sujeitos a agirem – como forma de justificar o crime que cometeu e, ao mesmo tempo, persuadir o leitor da não intencionalidade do ato. Da necessidade extrema de apresentar o homem como ser estranho a ele mesmo (Eagleton, 2019), Edgar Allan Poe questiona a duplicidade do ser e traz à cena os confrontos entre o mundo interno e externo, que dominado pela mente, aflora questões inconscientes, tornando-as conscientes a ponto de fazerem transparecer a individualização do sujeito. Esses conceitos, no século XX, seriam o escopo de pesquisa de Carl Gustav Jung e inaugurariam a definição de arquétipo, de sombra, de persona e de inconsciente coletivo.

Dessa maneira, o objetivo do artigo é verificar como o conto-ensaio em análise, de Edgar Allan Poe, ao discorrer sobre a perversidade, converge com os conceitos de sombra, de persona, de instinto e de individualização que, no século XX, Carl Jung teorizaria para apresentar o inconsciente coletivo e ampliar às questões referentes a alma humana. Para isso, analisaremos o fazer artístico de Edgar Allan Poe que, por meio do garimpo textual, do teor estilístico e estrutural, propõe reflexões e discussões importantes sobre o ser humano através do conto-ensaio “O demônio da perversidade”.

A literatura e a dimensão multifacetada do homem

Não há na natureza paixão mais diabolicamente impaciente como a daquele que, tremendo à beira dum precipício, pensa dessa forma em nele se lançar.
(“O demônio da perversidade”, Edgar Allan Poe)

O conto “O demônio da perversidade”, de 1845, revela o caráter obscuro, sombrio, que habita o ser humano em várias facetas e o impelem a agir, sendo, a perversidade, o “princípio que opera em apoio do bem” (POE, 2017, p. 201). As obscuridades e a volição por

¹ Conto publicado pela primeira vez na Graham's Lady's and Gentleman's Magazine, em julho de 1845. Título original: “The imp of the perverse”.



apresentar as múltiplas facetas que existem e povoam o sujeito são temáticas recorrentes na obra do escritor. Júlio Cortázar, a respeito disso, argumenta que

[h]á em nós uma presença obscura de Poe, uma latência de Poe. Todos nós, em algum lugar de nossa pessoa, somos ele, e ele foi um dos grandes porta-vozes do homem, aquele que anuncia o seu tempo noite adentro. Por isso sua obra, atingindo dimensões extratemporais, as dimensões da natureza profunda do homem sem disfarces, é tão profundamente temporal a ponto de viver num contínuo presente, tanto nas vitrinas das livrarias como nas imagens dos pesadelos, na maldade humana e também na busca de certos ideais e de certos sonhos (CORTÁZAR, 2008, p. 104).

É esse homem profundo, sem disfarces, plural, imerso em conflitos opositivos que Edgar Allan Poe apresenta em sua obra literária, a fim de instigar novas objeções sobre o presente, por meio da análise do passado, do pensamento e das ações humanas. Observador do homem, do tempo, do meio e de si mesmo, caminhar por seus textos é deparar-se com o próprio eu, refletido nas páginas que, como espelhos, submergem o sujeito que vive a cena e o sujeito que a lê. Nesse sentido, a volição do escritor estaria no fato de que, ao vasculhar as trevas, compreender as sombras, externaliza em suas linhas o movimento cíclico interno x externo como forma de oportunizar ao leitor a consciência de sua individualidade e de se encontrar verdadeiramente consigo mesmo.

“O demônio da perversidade”, narrado em primeira pessoa, por um narrador homodiegético, conta a história dos crimes cometidos por ele – matar seu tutor e confessar o crime em público – a partir da defesa da tese de que teria sido impulsionado a agir pelo demônio da perversidade, princípio inato e primitivo desprezado pelos estudos da Frenologia. O conto coloca o leitor diante de uma estrutura híbrida: inicia-se com um ensaio para defender a tese de que ele é essencialmente bom, mas o pensamento impulsivo, que habita em todos os seres, o corrompeu; para, posteriormente, narrar o fato ocorrido, a fim de conseguir a absolvição do leitor.

No primeiro parágrafo o autor insere a noção de sombra, do olhar externo do eu, que se coloca para lograr o intento proposto – defender-se do outro e persuadi-lo na ideia que expõe



ao examinar as faculdades e impulsos dos móveis primordiais da alma humana, deixaram os frenólogos de mencionar uma tendência que, embora claramente existente como um sentimento radical, primitivo, irreduzível, tem sido igualmente desdenhada por todos os moralistas que os precederam. (POE, 2017, p. 198).

Ao criticar os estudos dos frenólogos, projeta-se como um estudioso, um examinador das faculdades e dos impulsos humanos, coloca-se como um ser avante de seu tempo, uma vez que não desdenha tais objeções, mas, pelo contrário, domina-as e, ao discorrer sobre elas, seduz o leitor. Assim, o efeito único do conto é introduzido e, a supremacia lógica de seu discurso impera-se. Dessa maneira, Edgar Allan Poe coloca o leitor diante do que Jung determinaria, décadas depois, de arquétipo

[o]s arquétipos quando aparecerem, têm um caráter distintamente numinoso [...] O seu efeito, porém, não é claro. Pode ser curativo ou destrutivo, mas jamais indiferente. [...] aparece sob a forma de espírito nos sonhos ou produtos de fantasia, ou comporta-se inclusive como um fantasma. [...] Ele mobiliza concepções filosóficas e religiosas justamente em pessoas que se considerem muito acima de semelhantes acessos de fraqueza. Ele nos impele com frequência para o seu objetivo, com tão inaudita paixão e tão implacável lógica que o sujeito submete-se ao seu sortilégio, não quer e, em última instância, já não deseja livrar-se dele, justamente porque tal experiência traz consigo uma profundidade e plenitude de sentido que era impensável antes (JUNG, 1961, p. 161).

Diante da explanação de Jung, percebemos o quanto Poe antecede as ideias do psiquiatra, por meio da artimanha argumentativa e retórica do narrador-personagem. Ao se posicionar, apresenta, despretensiosamente, a teoria acerca da perversidade, evidenciando o quanto o homem é propenso a pensar e a fazer coisas terríveis, mesmo não querendo. Dominador e dominado pelo arquétipo, a sombra de seu eu consciente, interno, sobrepõe-se, visto que percebe o quanto seu discurso é significativo e eficiente:

estou certo, que, quando nós persistimos em atos porque sentimos que não deveríamos persistir neles, nossa conduta é apenas uma modificação daquele que se origina da combatividade da frenologia, que com um simples olhar nos mostrará a falácia dessa ideia, visto que o princípio que nos define é o da perversidade (POE, 2017, p. 199).



Os argumentos mencionados sobre a teoria da perversidade ganham evidências reais, cotidianas e integram o contexto cultural e social, em que o instinto é saciado pelo arquétipo, oferecendo energia que dá vitalidade ao seu desejo, até se converter na conquista do narrador, como prêmio do herói. Para isso, ao longo do ensaio, o narrador persuade o leitor sobre sua tese e apresenta fatos, que comprovam como a perversidade é uma ideia, um pensamento que surge, converte-se em impulso, que

[c]onverte-se em desejo, o desejo em vontade, a vontade numa ânsia incontrolável e, a ânsia (para profundo remorso e mortificação de quem fala e num desafio a todas as consequências) é satisfeita, [pois] temos diante de nós uma tarefa que deve ser rapidamente executada. Sabemos que retardá-la será ruidoso [...] por que isso? Não há outra resposta se não o sentimento da perversidade do ato. (POE, 2017, p. 200).

Como justificativa, exhibe exemplos reais, factuais “[n]ão há na natureza paixão mais diabolicamente impaciente como a daquele, que, tremendo a beira dum precipício, pensa dessa forma, em nele se lançar” (POE, 2017, p. 201), ou ainda “[n]ão há homem que, em algum momento não tenha sido atormentado, por exemplo, por um agudo desejo de torturar um ouvinte por meio de circunlóquios” (POE, 2017, p. 199-200). Tais apontamentos e intromissões instigam a tensão do conto e colocam o leitor como cúmplice do narrado. Na teoria postulada por Carl Jung, esse aspecto é característico da sombra, do lado sombrio humano que, manipula “o meio ambiente e a psique para que certas intenções e necessidades sejam satisfeitas de um modo socialmente aceitável” (STEIN, 2006, p. 99).

Essa entidade desconhecida e fantasmagórica, que aparece no primeiro parágrafo, destaca-se por não definir sua identidade e guiar o leitor, como um espectro, pelo caminho que deseja: autodefender-se, combatendo para isso os estudos da frenologia. A teoria da Frenologia, criada no final do século XVIII, por Franz Joseph Gall, postulava que as concavidades da cabeça demonstravam as tendências, a personalidade, o caráter, as faculdades mentais dos seres humanos. Por meio do ensaio, o narrador além de se mostrar um conhecedor de tal teoria, exhibe suas falhas, altera seus conceitos e propõe definições não previstas pelos frenólogos:



a indução a posteriori teria levado a frenologia a admitir como um princípio inato e primitivo da ação humana, algo de paradoxal que podemos chamar de perversidade [...] pois sobre sua influência agimos sem objetivo compreensível [...] agimos pelo motivo de que não devemos agir (POE, 2017, p. 199).

Assim, o caráter duplo da existência humana projeta-se na estrutura híbrida da narrativa e, também na forma lacunar como da sombra faz-se luz, da explicitação da teoria surge o crime cometido, do externo o interno é revelado e, através desse movimento cíclico, responsável por criar o ritmo de suspense da história, chega-se à constatação de que o impulso perverso está preste a agir novamente, pois só diante do mal é possível compreender o bem e, apenas vivendo o bem é possível entender o mal. Carl Gustav Jung concebia esse movimento cíclico da existência como opostos, que “estão unidos na psique através da intervenção de uma ‘terceira coisa’. Um conflito entre opostos – persona e sombra, [que,] por exemplo – pode ser considerado como uma crise de individualização, uma oportunidade para crescer através da integração” (STEIN, 2006, p. 113).

A sombra, ao externalizar a força antagônica que habita os seres, faz-nos agir pela razão de que não deveriam, ou seja, pela irracionalidade, que a depender da mente é irresistível e apresenta a essência do indivíduo, revelada pela violência do conflito travado dentro de si, do combate entre o definido e indefinido, da batalha da substância com a sombra, do interno com o externo, da luta das duas almas que habitam os seres, como diria Machado de Assis, décadas posteriores, “uma alma que olha de fora para dentro” (ASSIS, 2019, p. 136). Sobre isso, Carl Gustav Jung menciona que a personalidade humana é composta de subpersonalidades e, uma dessas subpersonalidades é a sombra. Para o psiquiatra, a sombra é um fator psíquico inconsciente que o ego não pode controlar, porque não possui consciência do que o eu projeta, da máscara vestida; é a imagem do próprio eu, que caminha em direção à luz. Assim, as sombras são as condutas, as atitudes sociais que o eu exhibe, negando seu eu interior. De modo geral,

a sombra possui uma qualidade imoral ou, pelo menos, pouco recomendável, contendo características da natureza de uma pessoa que são contrárias aos costumes e convenções morais da sociedade. A sombra é o lado inconsciente das operações intencionais, voluntárias e defensivas do ego (STEIN, 2006, p. 98).



E, assim se o primeiro parágrafo anuncia o epílogo do conto e define o tom do narrado também expressa ao leitor, o motivo pelo qual o narrador-personagem negou a teoria da combatividade frenológica: não passar a impressão de que seu discurso é de autodefesa. E, para isso, acrescenta a noção que permeará todo o conto - a de que a frenologia não levou em consideração o espírito inato e primitivo que domina o indivíduo: a perversidade.

Essas artimanhas são características do discurso em primeira pessoa, que efetua a manutenção do efeito pretendido por meio do tom utilizado pelo narrador, de projetar-se na sua própria sombra. Como afirma Massaud Moises (1979), a história contada em primeira pessoa parece ganhar maior “verossimilhança, dando a impressão de ser o único confidente do caso, ação que confere verdade e objetividade à narrativa” (MOISÉS, 1979, p. 121), uma vez que “os dramas individuais adquirem para nós eloquente força quando nos são transmitidos pelas próprias pessoas que os vivem” (MOISÉS, 1979, p. 121).

O crítico literário ainda pontua que neste modelo de narração “o leitor tem a impressão de que está participando de ocorrências quase contemporâneas à leitura” (MOISÉS, 1979, p. 121), instância que acentua o ritmo crescente do conto e expõe pelo fluxo de consciência, a ânsia do narrador em relatar o ocorrido. Tal fervor é reiterado pela sintaxe enunciativa, uma vez que repetições surgem no decorrer da narrativa “teria sido mais acertado, teria sido mais seguro, teria levado” ou ainda “não podíamos perceber-lhe, não podíamos compreender, não podíamos ter compreendido”, ou na seguinte passagem “para poder explicar o motivo, para poder expor o fato”. Além disso, o uso reiterado do pretérito imperfeito reforça o caráter dúbio, o tom lacunar e fantasmagórico do narrado, como afirma Umberto Eco sobre a utilização do pretérito imperfeito no texto narrativo

[o] imperfeito é um tempo muito interessante, porque é simultaneamente durativo e iterativo. Como durativo, nos diz que alguma coisa estava acontecendo no passado, mas não nos fornece nenhum tempo preciso, e o início e o final da ação permanecem ignorados. Como iterativo, indica que a ação se repetia. Porém, nunca sabemos ao certo quando é iterativo, quando é durativo, ou quando é ambos (ECO, 1994, p. 19).



Essa atitude contrastiva intriga o leitor por, aparentemente, negar as noções de extensão, de brevidade, defendidas no ensaio **A Filosofia da composição**, no entanto, no conto em análise, assume o efeito artístico desejado ao explicitar no décimo segundo parágrafo a narração da história e o motivo da prolixidade de seu discurso “se tanto me demorei neste assunto, foi para responder à pergunta do leitor, para poder explicar o motivo de minha estada aqui”. (POE, 2017, p. 201). O advérbio de lugar “aqui” gerencia o tom, sendo um dos responsáveis pelo efeito de atemporalidade do conto. O narrador-personagem afirma que

para expor algo, que, pelo menos, o apagado aspecto duma causa que explique por que tenho estes grilhões e porque habito esta cela de condenado. Não me tivesse mostrado prolixo, talvez não me houvésseis compreendido de todo, ou como a gentalha, me houvésseis julgado de louco. Dessa forma, facilmente perceberéis que sou uma das incontáveis vítimas do Demônio da Perversidade (POE, 2017, p. 201).

Ao afirmar que foi prolixo encobre a verdadeira intenção de seu discurso, colocando-a como ação necessária para satisfazer o leitor, o verdadeiro interessado em sua tese. Umberto Eco (1994) ao tecer considerações sobre o leitor-modelo, afirma que “numa história sempre há um leitor, e esse leitor é um ingrediente fundamental não só do processo de contar uma história, como também da própria história” (ECO, 1994, p. 7). O teórico acrescenta ainda que, o leitor-modelo é um espectador “uma espécie de tipo ideal que o texto não só prevê como colaborador, mas ainda procura criar” (ECO, 1994, p. 15). Engenho artístico que Edgar Allan Poe soube manter e manipular, por meio da repetição de termos, da alternância da primeira pessoa do singular e do plural, da exploração do pretérito imperfeito e de perguntas retóricas

Se não podemos compreender Deus nas suas obras visíveis, como então compreendê-lo nos seus inconcebíveis pensamentos que dá vida às suas obras? Se não podemos compreendê-lo nas suas criaturas objetivas, como compreendê-lo então nas suas disposições de ânimo substantivas e nas suas fases de criação? (POE, 1994, p 199).

Tal maiêutica propicia o ritmo crescente de tensão, envolve o leitor e o conduz para o desfecho do conto, que, matematicamente delineado pelo narrador, é desenvolvido por meio



de um riso irônico, sarcástico e debochado. Presença desse ser duplo que narra e é elemento do narrado, sombra e persona. Elemento discursivo que Jung ressalta como sendo a sombra, imposta pelo ego, que depois de “adaptar-se e enfrentar-se com o mundo, emprega a sombra para executar operações desagradáveis que ele não poderia realizar sem cair num conflito moral” (STEIN, 2006, p. 98) e, conclui afirmando que, “[a]o abrir-se para a experiência da sombra, entretanto, uma pessoa fica manchada de imoralidade mas alcança um maior grau de totalidade” (STEIN, 2006, p. 102).

Essa experiência externa, vivida pelo narrador-personagem é evidenciada na narração do fato que o motivou a contar sua história para o leitor. Na transposição do ensaio para o conto, o leitor é exposto a maldade cometida pelo narrador, que ao seguir seus impulsos, a trajetória de suas vontades, chega “às regiões da escuridão e da frialdade onde se torna evidente que o ego tem capacidade, em sua sombra, para ser extremamente egoísta, obstinado, insensível e dominador” (STEIN, 2006, p. 99). E desse encontro destrutivo, surge a transformação, a evolução, o conhecimento do eu. Com esse efeito, Edgar Allan Poe salienta o quanto o homem precisa ser um investigador de si mesmo, pois somente ao conhecer a si próprio, conhecerá o universo, e é vivenciando as trevas, que encontrará a luz.

Nós as cometemos porque sentimos que *não* deveríamos fazê-lo. Além, ou por trás disso, não há princípio inteligível, e nós podíamos, de fato, supor que essa perversidade é uma direta investigação do demônio se não soubéssemos, realmente, que esse princípio opera em apoio do bem” (POE, 2017, p. 201).

Nesse movimento circular e opositivo, sombra e persona, externo e interno, escuridão e luz, emergem do texto e descortinam a essência transitória do ser humano e o inconsciente coletivo que carregam. Assim, a persona, sujeito do narrado, é inserida na narrativa, revestida pela máscara que usa, para enfrentar o mundo social que a cerca “[d]urante semanas, durante meses, ponderei todos os meios do assassinio. Rejeitei milhares de planos porque sua realização implicava uma possibilidade de descoberta” (POE, 2017, p. 201). Com o relato do crime, o narrador-personagem assume função dupla: o eu é tanto quem diz quanto objeto do discurso, elemento responsável, pela duplicidade antagônica de conceitos e posturas que movimentam o efeito de sentido do conto.



Como detentor dos acontecimentos narrados e julgando ter convencido o leitor da tese defendida sobre a perversidade, menospreza-o ao dizer que não “é preciso fatigar-vos com os pormenores impertinentes” do crime cometido, informando apenas que impulsionado pela ideia de matar seu tutor, estudou maneiras de lograr seu intento e encontrou em livro de memórias o motim para seu desejo:

[p]or fim, lendo algumas memórias francesas, encontrei a narrativa de uma doença quase fatal que atacou Madame Pilau em consequência duma vela acidentalmente envenenada. A ideia feriu-me a imaginação imediatamente. Sabia que minha vítima tinha o hábito de ler na cama. Sabia, também, que se quarto de dormir era estreito e mal ventilado. Mas não é preciso fatigar-vos com pormenores impertinentes. Não preciso descrever-vos os artifícios fáceis por meio dos quais substituí, no castiçal de seu dormitório, por uma vela, por mim mesmo fabricada, a que ali encontrei. (POE, 2017, p. 201).

O relato do crime cometido pelo narrador intensifica a natureza do fato ocorrido, além de reduzi-lo a condições justificáveis: o demônio da perversidade. Neste momento, o conceito de prazer, exposto no ensaio **A Filosofia da Composição**, surge pela sensação de segurança, que proporciona a noção de liberdade, advinda do veredicto do médico-legista “Morte por visita de Deus” (POE, 2017, p. 201), e do ocultamento de todos os indícios, que o faz experimentar e habituar-se, por longo tempo, “com esse sentimento que o deleitava mais do que a herança conquistada” (POE, 2017, p. 202).

Ao ler o conto e, posteriormente, a teoria de Carl Jung, percebemos os pontos convergentes que Edgar Allan Poe aborda por meio da diegese e de quanto seus estudos e volições sobre a alma, a psicologia, os comportamentos, as obscuridades, que povoam o ser humano estão relacionados à teoria desenvolvida por Carl Gustav Jung.

Em seus estudos, Jung descreve o quanto a persona possui uma existência dual, “deve relacionar-se com objetos e proteger o sujeito” (STEIN, 2006, p. 109), ela pode tanto expressar quanto esconder aspectos da personalidade, tudo isso “[d]e acordo com as condições e os requisitos sociais, o caráter social é orientado, por uma parte, pelas expectativas e demandas sociais, e, por outra, pelos objetivos e aspirações do indivíduo” (JUNG, 1967, p. 167). A persona é, dessa forma,



a pessoa que passamos a ser em resultado dos processos de aculturação, educação e adaptação aos nossos meios físico e social [...] No plano psicológico, a persona é um complexo funcional cuja tarefa consiste tanto em esconder quanto em revelar os pensamentos e sentimentos conscientes de um indivíduo aos outros (STEIN, 2006, p. 101).

O psiquiatra ao trazer a noção de arquétipo demonstra a persona como sendo “a imagem construída a partir do exterior, introjetada inconscientemente por meio de múltiplas identificações com o desejo dos outros. É a ‘máscara’ que colocam sobre o indivíduo e que, ao final, ele acredita ser ele mesmo” (DALGALARRONDO, 2008, p. 261). A ideia de persona como aquilo que está aparente, agindo e atuando na sociedade, adaptando-se ao mundo social é desenvolvida no conto, quando o narrador-personagem articula o pensamento entre o que deve ser e o que deve parecer: “[u]m dia, enquanto vagueava pelas ruas, contive-me no ato de murmurar, meio alto essas sílabas habituais. Num acesso de audácia repeti-as desta outra forma: ‘Estou salvo... estou salvo, sim... contanto que não faça a tolice de confessá-lo abertamente’! (POE, 2017, p. 202).

Nesse momento, o conceito de beleza, definido por Poe, torna-se evidente, vista não como melancolia, mas como vergonha, a vergonha do eu, que não consegue controlar seus atos, equilibrar sombra e persona, dominar seus instintos:

[I]logo que pronunciei essas palavras, senti um arrepio enregelar-me o coração. Já conhecia aqueles acessos de perversidade (cuja natureza tive dificuldade e explicar) e lembrava-me bem de que em nenhuma ocasião me fora possível resistir a eles com êxito. E agora minha própria e casual autossugestão de que poderia ser bastante tolo para confessar o assassinio de que me tornara culpado me enfrentava como se fosse o autêntico fantasma daquele a quem eu havia assassinado a acenar-me com a morte. A princípio fiz um esforço para afastar da alma semelhante pesadelo (POE, 2017, p. 202).

Sensação que para Jung “anula o sentimento de valor próprio. [...] é um tipo de emoção mais primitiva e potencialmente mais destrutiva” (STEIN, 2006, p. 111), uma vez que se relaciona com a culpa sentida de não se manter fiel a persona adotada, sendo, portanto, indigno, impuro, principalmente, na sociedade contemporânea, em que os bons hábitos estão atrelados ao orgulho, a glória do ser.



Diante disso, sombra e persona, clássicos opositivos e complementares, elementos potencializadores do ego, ao serem testemunhados desencadeiam uma crise de individualização, um encontro questionador do eu consigo mesmo, na busca de sua verdadeira essência, que de tanto mascarada, torna-se sombria, incompreendida, e, portanto, necessita ser resgatada. Elemento dual, sombra e persona representam uma oportunidade de crescimento, resultado das lutas e dos tumultos interiores, que no conto, oportuniza à personagem compreender que “o segredo há tanto tempo retido irrompeu de minha alma” (POE, 2017, p. 203) e ao perceber seu efeito se exprime “com perfeita clareza, embora com assinalada ênfase e apaixonada precipitação, como se temesse uma interrupção antes de concluir as frases breves mas refertas de importância que me entregavam ao carrasco e ao inferno.” (POE, 2017, p. 203).

Do enfrentamento da sombra e da persona emerge a pergunta final que encerra o conto: “tendo relatado tudo quanto era preciso para a plena prova judicial, desmaiei. Que me resta a dizer? Hoje suporto estas cadeias e estou *aqui!* Amanhã estarei livre de ferro” Mas onde?” (POE, 2017, p, 203). A pergunta retórica evidencia a arquitetura narrativa engendrada por Edgar Allan Poe na elaboração discursiva do conto, bem como se transforma em seu clímax ao instaurar a perplexidade da existência da perversidade como uma experiência armazenada na alma ou, como diria Carl Gustav Jung, no inconsciente coletivo, pronta para atuar. Ao mesclar pretérito e presente enlaça o leitor na trama narrativa que fiou, e convence-o de que o demônio da perversidade existe.

O advérbio “aqui” explicita a atemporalidade do conto ao discorrer sobre um dos princípios que engendra a psique humana – a perversidade – como forma de enfatizar as mazelas, as sombras e as obscuridades que povoam o inconsciente coletivo, ao mesmo tempo que reafirma que é só pelo conhecimento de tais ações que o ego conseguirá se individualizar e tornar-se consciente. Assim, sombra e persona, luz e sombra, aparência e essência constituem os duplos opositivos que proporcionam aos sujeitos a individualização, nas palavras de Jung o “pré-requisito indispensável para se chegar à integridade” (JUNG, 1967, p. 172), uma vez que só nos tornamos seres individualizados quanto conhecemos nossas complexidades inconscientes. Desta forma, Edgar Allan Poe e, posteriormente Carl Jung



revelam por meio de seus textos e teorias que a intenção maior do indivíduo é conhecer a si mesmo e desenvolver sua autoconsciência.

Conclusão

É de forma racional e matematicamente delineada que Edgar Allan Poe faz de um conflito psíquico um instante de clarividência, de iluminação tanto da arte de contar história quanto da arte de compreender a vida humana. O conto em análise ao evidenciar a atuação do arquétipo, imbuído de sua concepção sombria e despersonalizada, reflete o homem, intensifica o sentido e o coloca em condições aceitáveis de realização.

Das trevas à luz, as diversas facetas que figuram no inconsciente humano vão sendo iluminadas para que novas consciências sejam despertadas pela reflexão diante do momento lido e sentido. Da leitura do primeiro parágrafo, anunciadora do epílogo, à pergunta final, Edgar Allan Poe arremessa o leitor para dentro de si e, como um fantasma (figura recorrente em sua obra), assombra por colocar o indivíduo diante da maldade, dos sentimentos contraditórios inatos e primitivos de sua constituição.

Dessa maneira, instiga a reflexão de que os indivíduos são seres propensos, obcecados por aquilo que não podem pensar, de que os pensamentos mentem e revelam o mal que os caracterizam, enfim, expõe a duplicidade e o contraste que imperam no inconsciente. Nas palavras de Charles Kiefer (2011), a força da narrativa de Edgar Allan Poe não advém, pois do incidente, mas da sua profunda psicológica, uma vez que em seus contos os personagens são a coleção de todos os outros que nada mais são do que duplos ou imagens em espelho do real.

A leitura do conto associada aos conceitos de sombra, persona e arquétipo, desenvolvidos por Carl Gustav Jung, intensifica o teor do discurso literário de perpassar pelos caminhos labirínticos humanos como forma de expor as complexidades dos sujeitos, para que novos mapeamentos e ampliações sobre a psique humana possam ser fiados e, conseqüentemente, novas experiências individuais e coletivas possam ser reestruturadas.

O contato com o texto literário de Edgar Allan Poe reaviva, transpõe e questiona teorias, concepções e percepções acerca do homem, pela exposição das deficiências que os



constitui, a fim de que novas convenções possam ser instauradas e o sujeito possa retificar seu ser e sua realidade pelo encontro oportunizado pelo autor-texto-leitor.

Referências

ASSIS, Machado. **O espelho e outros contos**. Jandira, SP: Principis, 2019.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

CORTÁZAR, Julio. **Valise do cronópio**. Tradução de Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2008.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

EAGLETON, Terry. **Como ler literatura**. Tradução de Denise Bottmann, 1.ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2019.

ECO, Umberto. **Seis passos pelos bosques da ficção**. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

KIEFER, Charles. **A poética do conto**: de Poe a Borges – um passeio pelo gênero. São Paulo: Leya, 2011.

MOISES, Massaud. **A criação literária**: prosa. São Paulo: Cultrix, 1979.

POE, Edgar Allan. **Contos de terror, de mistério e de morte**. Tradução de Oscar Mendes. 7. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

STEIN, Murray. **Jung**: o mapa da alma. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 2006.